



SEÇÃO: ARTIGOS LIVRES

A espiritualidade como ciência: crítica ao livro *Despertar*, de Sam Harris

Spirituality as Science: Criticism of the book Waking Up by Sam Harris

La espiritualidad como ciencia: reseña del libro El despertar de Sam Harris

Luis Henrique

Piovezane¹

orcid.org/0000-0003-2876-2149

lhpiovezan@terra.com.br

Recebido em: 09/06/2023.

Aprovado em: 21/09/2023.

Publicado em: 18/12/2023.

Resumo: A partir da análise do discurso do livro *Despertar* (2015), de Sam Harris, e da discussão de conceitos como "espiritualidade" e "religião", o autor aborda as consequências das ideias do Neoateísmo, principalmente sobre a necessidade cientificamente determinada de se abandonar a religião. O pensamento de Sam Harris é comparado com as ideias de René Descartes e de Hannah Arendt. Com isso, aborda-se a cientificidade do livro *Despertar* e as consequências de suas ideias, que podem ser consideradas autoritárias sob o crivo de Hannah Arendt. Assim, buscando exemplos nos quais espiritualidade é tratada cientificamente, propõe-se um diálogo mais amplo entre os conhecimentos teológicos e os conhecimentos científicos.

Palavras-chave: Neoateísmo; Sam Harris; espiritualidade; ciência; religião.

Abstract: From a discourse analysis of Sam Harris' book *Waking Up* (2015) and from the discussion of concepts such as "spirituality" and "religion", the author addresses the consequences of the ideas of New Atheism, mainly on the scientifically determined need to abandon religion. The ideas of Sam Harris are compared with the ideas of René Descartes and Hannah Arendt. In consequence of this, the author addresses the scientificity of the book *Waking Up* and the consequences of its ideas, which can be considered authoritarian under the filter of Hannah Arendt ideas. Thus, seeking examples where spirituality is scientifically treated, a broader dialogue between theological knowledge and scientific knowledge is proposed.

Keywords: New Atheism; Sam Harris; spirituality; science; religion.

Resumen: A partir del análisis del discurso del libro *Despertar* de Sam Harris (2015) y la discusión de conceptos como "espiritualidad" y "religión", el autor aborda las consecuencias de las ideas del Nuevo Ateísmo, principalmente en la necesidad científicamente determinada de abandonar la religión. Se compara el pensamiento de Sam Harris con las ideas de René Descartes y Hannah Arendt. Con esto se aborda la cientificidad del libro *Despertar* y las consecuencias de sus ideas, que pueden considerarse autoritarias bajo la visión de Hannah Arendt. Así, buscando ejemplos donde la espiritualidad sea tratada científicamente, se propone un diálogo más amplio entre el conocimiento teológico y el conocimiento científico.

Palabras clave: Nuevo Ateísmo; Sam Harris; espiritualidad; ciencia; religión.

Introdução

O Neoateísmo e a ideia relacionada de que as religiões devam ser combatidas ganharam força com os ataques de 11 de Setembro. Vários autores – por exemplo, Harris (2009) e Dawkins (2007) – baseiam-se nestes ataques terroristas para indicar a religião como algo prejudicial à sociedade. A argumentação apresentada pelos neoateus é que o fana-



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Teólogo pelo Centro Educacional Claretiano (2019), mestre em Engenharia de Produção pela EESC-USP (2000) e engenheiro civil pela Escola Politécnica da USP (1988)

tismo surge da religião de forma quase exclusiva porque a religião não permite questionamentos a seus dogmas. Assim, entendem que surgem líderes religiosos mal-intencionados, que podem levar a ataques terroristas como o 11 de Setembro.

Embora combatam a religião, os autores do Neoateísmo normalmente não definem claramente o que seja religião. O termo pode abarcar desde religiões hierarquicamente constituídas até a religiosidade popular. Há situações práticas da vida social que podem ser consideradas religiosas, como torcer para um time de futebol ou para um partido político. O termo "religião", assim, abrange uma ampla gama de significados.

Dentro desta visão indefinida do conceito de religião, destaca-se o livro *Despertar*, de Sam Harris (2015). Este livro é polêmico no sentido de indicar a necessidade de se conhecer a espiritualidade, mesmo para um ateu. O livro é criticado porque o Ateísmo, em geral, é associado ao Materialismo, que não admite a espiritualidade. Segundo Sam Harris (2015, p. 9):

Antes de prosseguir, devo tratar da animosidade que muitos leitores sentem contra o termo "espiritual". Sempre que uso a palavra, como ao me referir à meditação como uma "prática espiritual", sou repreendido por colegas céticos e ateus que pensam que eu cometi um erro grave.

Por outro lado, Sam Harris destaca a necessidade de que a religião seja eliminada por seus danos à sociedade. Causa estranheza verificar que um neoateu, que pretende eliminar a religião, tenha a busca da espiritualidade como uma das suas alegações. E uma espiritualidade aprendida e utilizada conforme os ensinamentos de uma religião, o Budismo.

Sam Harris, neurologista, foi o primeiro a publicar um livro que pregava o Neoateísmo contra a religião após os atentados de 11 de Setembro. Este livro é *A Morte da Fé* (HARRIS, 2009). O seu argumento se inicia com a ideia de que a religião não permite o progresso, pois não se altera com o tempo. Segundo Harris (2009, p. 23):

A cada ano que passa, será que nossas crenças religiosas conservam mais e mais os dados da experiência humana? Se a religião lida com uma esfera genuína da compreensão e da necessi-

dade humana, então ela deveria ser suscetível ao progresso; suas doutrinas deveriam tornar-se mais úteis, não menos úteis. O progresso na religião, tal como ocorre em outros campos, teria que se basear em pesquisas atuais, e não apenas na reiteração das doutrinas passadas. Tudo aquilo que é verdade hoje deveria ser possível de ser descoberto hoje, e de ser descrito em termos que não sejam uma afronta a tudo o mais que sabemos acerca do mundo. Segundo esse parâmetro, o projeto da religião, como um todo, parece ser extremamente atrasado. Ela não pode sobreviver às mudanças que ocorram com a humanidade – mudanças culturais, tecnológicas e até mesmo éticas. Do contrário, é pouco provável que nós conseguiremos sobreviver à religião.

Sam Harris, porém, não apresenta nenhum fato que indique esta imutabilidade da religião. Apresenta a religião como um todo uniformizado, condição que não encontra respaldo na realidade. Em suma, Sam Harris parte da ideia de que a religião é a ausência de debate e, portanto, leva à capacidade de gerar conflitos perigosos. Em suas palavras:

O conflito entre as nossas religiões dá uma soma igual a zero. A violência religiosa continua entre nós porque nossas religiões são intrinsecamente hostis umas com as outras. Onde elas não aparentam ser assim, é porque o conhecimento secular e os interesses seculares estão conseguindo refrear os absurdos mais mortais da religião. Chegou a hora de reconhecermos que não existe nenhuma base real para a tolerância religiosa e a diversidade religiosa dentro dos cânones do cristianismo, do islamismo, do judaísmo ou de qualquer outra fé religiosa (HARRIS, 2009, p. 261).

Novamente, Sam Harris não apresenta fatos. Nem todas as guerras surgem de conflitos religiosos. É uma simplificação da História. Conflitos e guerras surgem por múltiplas causas e não somente por diferenças de crenças. E, nesta visão, Sam Harris (2009, p. 264) coloca o fim da religião como algo pretensamente civilizador: "Nossas diversas identidades religiosas estão com os dias contados. E será que os dias da própria civilização também estão contados? Parece que isso depende, e muito, de quanto tempo vamos demorar para perceber isso".

Porém, sem uma justificativa clara, indica a superioridade do misticismo oriental. Esta indicação é uma escolha pessoal, sem a apresentação de

argumentos e de fatos que embasem esta escolha. "Se há um argumento igualmente convincente que explique por que o misticismo empírico, não dualístico, parece ter surgido apenas na Ásia, eu o desconheço. Mas desconfio que tenha sido culpa da ênfase do cristianismo, judaísmo e islamismo na fé" (HARRIS, 2009, p. 250).

O objetivo deste artigo, nesse sentido, é contribuir com o debate sobre a ideia dos neoteus de que a religião deva ser eliminada. Como o livro *Despertar*, de Sam Harris (2015), coloca a espiritualidade como algo importante, defende-se que isso é sinal da importância da religião indicada por um neoteu, ou seja, que sua tese de eliminação da religião é incoerente, pois a espiritualidade e a religião são importantes para o ser humano, como alega Sam Harris em *Despertar*.

A partir deste objetivo, surge a questão sobre se a religiosidade pode ser separada da espiritualidade. No livro *Despertar*, Sam Harris mostra que esta separação é possível, partindo de teses sobre Neurologia e experiências pessoais, cuja cientificidade vai ser avaliada neste artigo. Para isso, após a análise da estrutura do capítulo final do livro, parte-se para a análise desta estrutura diante do pensamento de René Descartes e de Hannah Arendt. No primeiro, analisa-se a confusão entre pensamento e sentimento. Na segunda, verifica-se se há algum problema em se tentar eliminar a religião. Por fim, apresenta-se uma proposta de estudo das questões de espiritualidade dentro da Ciência.

1 O que é espiritualidade? O que é religião?

Antes de analisar o livro *Despertar*, de Sam Harris (2015), é necessário avaliar o que significa espiritualidade e sua relação com a religião, tendo em vista que Sam Harris coloca espiritualidade e religião como conceitos separáveis. Assim, procuram-se as definições destes termos de forma a demonstrar a relação entre eles.

O termo "espiritual" e seus derivados não apresenta uma definição consensual. O debate é longo e há muita confusão em sua aplicação. Por exemplo, Sagan (2006, p. 50) indica que algo espiritual tem apenas uma dimensão material:

"Espírito" vem da palavra latina que significa "respirar". O que respiramos é o ar, que é certamente matéria, por mais fina que seja. Apesar do uso em contrário, não há na palavra "espiritual" nenhuma inferência necessária de que estamos falando de algo que não seja matéria (inclusive aquela de que é feito o cérebro), ou de algo que esteja fora do domínio da ciência. [...] A ciência não é só compatível com a espiritualidade; é uma profunda fonte de espiritualidade.

Carl Sagan desconsidera o fato de que o termo é sempre usado de forma metafórica na Teologia e na linguagem comum. Sagan simplifica o uso do termo ao associá-lo somente à sua relação etimológica com a palavra "respiração". Ninguém usa a palavra "espírito" no sentido de respiração. Desde a composição do Livro do Gênesis, os termos "espiritual", "sopro" e "vento" são usados como metáforas para significar algo imaterial. Segundo afirmação de Girard (1997, p. 254):

A mobilidade do vento que, sob múltiplas facetas, determina as transposições metafóricas. Várias dessas facetas sustentam também a transposição simbólica vento-espírito. 1º Em primeiro lugar, a força propulsora: é sempre a energia espiritual que impele o veleiro que é o homem para os portos desejados da felicidade e do sucesso. 2º Depois, a capacidade de veicular a informação: é principalmente o espírito que "toma o vento" (fareja) das situações. 3º Em seguida, a velocidade: o espírito "fende o vento", seu funcionamento, em geral, é instantâneo, a menos que seja embaraçado pela complexidade de um raciocínio. 4º Enfim, a liberdade: o espírito se mostra tão livre e imprevisível como o ar.

Considerando esta definição do sentido metafórico da palavra "espírito", Sagan utiliza uma falácia que Schopenhauer (2020, p. 48) identifica como homonímia. Isso significa que ele emprega um significado próximo para descaracterizar um argumento, especificamente a ideia de que há algo além da Física. Este tipo de falácia reforça a falta de cientificidade em considerar o espírito como algo apenas material. Isto não contribui para a construção do conceito científico de "espiritualidade".

A origem metafórica do termo também não impede uma definição precisa e científica, embora gere uma dificuldade pelas diversas conceituações e interpretações que são possíveis. Além disso, outros termos relacionados também têm

uma proximidade que leva à dificuldade de uma definição clara, como o termo "religiosidade". Nesse sentido, gera-se uma necessidade de debate, como Gall, Malette e Guirguis-Younger (2011, p. 180) indicam:

Como a espiritualidade e a religiosidade são definidas, e se essas definições se sobrepõem ou divergem, provavelmente são determinadas por muitos fatores, incluindo herança religiosa, cultura, geração e nacionalidade. Nossas descobertas apoiam a ideia de que a religiosidade e a espiritualidade, e a conexão entre elas é dinâmica e mutável. Como consequência dessa mudança contínua, a conceituação de espiritualidade e religiosidade, e como elas impactam na vida do indivíduo, da comunidade e de uma nação também deve evoluir.

Esta multiplicidade de interpretações é resultado do caráter pessoal da espiritualidade, mas esta pessoalidade não impede a tentativa de a definir cientificamente. A ciência se caracteriza pela impessoalidade dos métodos, mas não pela eliminação da pessoa humana e de suas contradições. Ao indicar "penso, logo existo", René Descartes (2009, p. 59) não elimina a pessoa, mas exige a impessoalidade da análise.

Assim, esta profusão de interpretações e conceitos de espiritualidade é sinal de que o termo deve ser definido como algo complexo ou de múltiplas dimensões. Pode-se imaginar dimensões como a social, a ritual, a religiosa, a pessoal, entre muitas. Isto gera uma dinâmica não linear e dialógica (DEMO, 2002). No mesmo sentido, Lephert (2005, p. 572) indica:

Com observações tão díspares do conceito visto na literatura revisada, é possível entender por que há tanta confusão. A literatura chamou a atenção para elementos progressivos da espiritualidade, com descrições de espírito e espiritualidade e a noção de que a espiritualidade compreende múltiplas dimensões que existem internamente ou se manifestam através de comportamentos externos.

Como possui várias dimensões, o termo "espiritual" toma definições de acordo com o objetivo do autor do estudo. Mas esta definição deve estar bem esclarecida nos textos e não ser tão fechada que não permita o diálogo com outras possibilidades de definição. Por exemplo, a definição de

Carl Sagan se fecha na sua visão materialista e não dialoga com toda uma tradição não materialista sobre escritos e definições em relação à espiritualidade. Assim, é apenas uma opinião e não uma refutação da existência de algo imaterial.

A falta de um termo mais bem definido pode levar a confusões. Incluindo confusões com termos como "religiosidade" e "religião", como indicam Borges, Santos e Pinheiro (2015, p. 610): "No senso comum, não existe distinção entre estes conceitos e em estudos, eles confundem-se. Alguns autores utilizam-nos como sinônimos, enquanto outros fazem uma distinção bem clara entre ambos, atribuindo à espiritualidade um conceito mais amplo".

Porém, pode-se sugerir uma definição mais específica, que defina melhor a espiritualidade. Koenig, King e Carson (2012, p. 46) colocam o "espiritual" como uma ligação com o que vai além do material:

A espiritualidade se distingue de outras coisas – humanismo, valores, moral e saúde mental – por sua conexão com o transcendente. O transcendente é aquilo que está fora do eu e, no entanto, também dentro do eu – e nas tradições ocidentais é chamado de Deus, Alá, HaShem, ou um Poder Superior e nas tradições orientais é chamado de Verdade Suprema ou Realidade, Vishnu, Krishna ou Buda.

Ao associar o espiritual ao transcendente, ou seja, ao que vai além do material, tem-se uma definição que é mais precisa e que permite gradações e diferenciações sobre uma essência conceitual básica. Nesse sentido, o termo "espiritual" já foi definido pela Teologia de Tomás de Aquino. Ao trazer a Teologia Tomista, a ideia é mostrar que o problema de definir espiritualidade é mais antigo do que parece na atualidade. É a busca da resposta sobre o que somos. Segundo Oertzen (2015, p. 108):

A antropologia Tomista preserva a noção tradicional da alma concebida como uma substância espiritual (Platão e Agostinho), que é a forma do corpo (Aristóteles). Sendo a alma um princípio subsistente, isto é, uma substância que pode ter o ser por si, exerce a função de forma substancial ao comunicar este ato de ser, que é o âmago de toda a sua substância, a matéria primeira. Por isso, a potência da matéria é exatamente sua essência, ou seja, o corpo tem a alma na qualidade de princípio.

Tomás de Aquino defende que há substância além da Física, como Aristóteles já indicara anteriormente. Aquino usa os conceitos de Aristóteles para esta definição. Mas também indica que não é um assunto pacífico. Esse autor, no entanto, mostra a dificuldade no entendimento do espiritual (AQUINO, 2003, p. I, q. 90, a. 1):

Esse erro parece ter origem em duas opiniões dos antigos. Os primeiros que começaram a estudar as naturezas das coisas, não podendo ir além da imaginação, afirmaram que nada existe fora dos corpos. Por isso, diziam que Deus é um corpo, que julgavam ser o princípio dos outros. Como sustentavam que a alma era da natureza desse corpo, que diziam ser o princípio, como se diz no livro I da Alma, resultava que a alma era da substância de Deus. Foi também a partir dessa concepção que os maniqueus, julgando ser Deus uma luz corpórea, admitiram que a alma fosse uma parte dela ligada ao corpo. – Posteriormente, alguns chegaram a perceber que existia algo incorpóreo, no entanto, não separado do corpo, e que era forma do corpo. Nesse sentido, Varrão, por exemplo, disse que Deus é “a alma que governa o mundo por seu movimento e sua razão”, como relata Agostinho. E assim alguns sustentaram que a alma humana era parte da alma total, como o homem é parte do universo. Não chegavam a distinguir, por sua inteligência, os graus das substâncias espirituais, a não ser de acordo com as distinções dos corpos.

Por essa ambiguidade no entendimento do termo “espiritual”, alguns ainda tentam associar a espiritualidade a uma simples reação neurológica física, como Sam Harris (2015). Em outras palavras, concebe-se o espírito como uma ilusão de nossa mente. Uma ilusão que é boa, segundo Sam Harris, até para quem é contra a religião. Não se nega que a espiritualidade tenha uma dimensão neurológica, mas a fraqueza da definição de Sam Harris está em desconsiderar a dimensão teológica e religiosa da espiritualidade. Aliás, não só desconsiderar como negar a possibilidade de um relacionamento positivo dos conceitos de “religião” e “espiritualidade”.

Esta relação existe porque a espiritualidade exige uma transcendência que a posição neo-atéista de Sam Harris nega como viável. E esta relação se mostra no trabalho de Sam Harris pela escolha não fundamentada da espiritualidade budista, como será detalhada mais à frente. Em

outras palavras, a definição de Sam Harris mostra a dificuldade de entendimento da natureza humana ao negar a possibilidade de religiosidade. Segundo Oertzen (2015, p. 114):

Conceber a natureza humana a partir de Deus, compreendê-la em suas privações e possibilidades, em seus atos e potências, onde espírito e matéria constituem uma unidade substancial, a matéria participando da vida do espírito, este da vida material, é certamente absurdo para a ciência atual. Podemos dizer que os dogmas atuais delimitaram que o homem é corpo e este apenas matéria. O último vestígio aceito dos “mistérios” foi levado para um lugar, de que nada sabem, porém que tudo abarca, denominado, o inconsciente.

A ideia de separar a espiritualidade da religião não é exclusiva de Sam Harris. O mesmo sentido é dado por pesquisadores na área de Cuidado com a Saúde. Por exemplo, Reinert e Koenig (2013, p. 2265) afirmam:

As definições atuais em enfermagem se concentraram no distanciamento da espiritualidade da religião [...], enquanto se concentram mais no significado, propósito, esperança, valor, emoção, conexão, transcendência, experiência existencial, poder/força/energia e crenças [...]. A enfermagem deve se preocupar com a espiritualidade, e não com a religião.

Preocupar-se com a espiritualidade não significa afastar a religião ou pedir seu fim. Pelo contrário, é perceber que os termos são complexos e que o estudo exige que se aprofunde em uma dimensão da espiritualidade sem desconsiderar as outras. Embora possa haver pessoas religiosas não espiritualizadas (por exemplo, os fariseus e os saduceus, conforme descrito nos Evangelhos) e pessoas espiritualizadas sem religião formal (por exemplo, a piedade popular), o que costuma ocorrer é uma associação, em maior ou menor grau, entre espiritualidade e religião. No caso de Sam Harris, sua associação de espiritualidade se dá com o Budismo pelo simples fato de utilizar ritos espirituais budistas. Os ritos são sinal de uma escolha religiosa. Porém espiritualidade e religião são difíceis de se definir de forma clara, sem considerar a relação intrínseca entre os conceitos. Nas palavras de Figueiredo (2019, p. 272):

Raros são os autores que, ao iniciarem um trabalho sobre religião, não encontrem sérios obstáculos para dizer, de forma objetiva e clara, sem qualquer apelo retórico, o que é religião. Parece que todos, diante daquilo que encerra essa palavra, precisam pagar o irremediável tributo: dizer o que é religião. [...] Por isso mesmo, talvez muitas dessas definições, senão todas, continuem vagando por décadas e mais décadas em meio a divergências acadêmicas, sem jamais fazer a necessária travessia de uma margem a outra; entre o que é e o que não é religião.

Esta amplidão de definições de religião, como ocorre com a espiritualidade, vem de posições pessoais e, muitas vezes, indica uma tentativa de simplificar as relações com o transcendente, de forma a transformar uma relação complexa em teorias simplificadoras. São termos que se relacionam. Conforme aponta Barros-Oliveira (2017, p. 267):

Muitos autores concebem a espiritualidade e a religiosidade como formas diferentes de se relacionar com o sagrado, não havendo consenso sobre a sua definição e correlação, devido certamente aos muitos significados que pode assumir o termo "espiritualidade" (tanto é "espiritual" uma pessoa devota dentro duma religião tradicional, como alguém que tem experiências místicas ou uma pessoa não religiosa que busca sentido para a vida).

A visão simplificada que Sam Harris apresenta ao ser contra a religião e a favor da espiritualidade leva a um programa de extermínio da religião, conforme preconizado pelos neoateus. As causas e as consequências desta visão serão detalhadas mais à frente. Por outro lado, o termo "religião" é bem definido por autores clássicos, como Tomás de Aquino. Aquino (2003, p. II-II, q. 81, a. 1) tem uma clara ideia de que a religião é uma ligação com o espiritual, com o Sagrado, com o Transcendente:

Escreve Isidoro: "Religioso (adjetivo derivado de religião) é definido por Cícero como aquele que repassa e, por assim dizer, relê o que se refere ao culto divino". Desse modo, religião parece dizer reler aquilo que pertence ao culto divino, porque isto deve ser frequentemente refletido no coração, segundo se lê no livro dos Provérbios: "Em todos os teus caminhos, pensa n'Ele". – Pode o termo religião também ser entendido, conforme Agostinho, no sentido de "reeleger a Deus, a quem por negligência perdemos". – Pode ainda ser compreendido

como derivado de religar, segundo o mesmo Doutor: "A religião nos religará ao Deus único e onipotente". Desse modo, quer religião se refira à frequente leitura, quer a reeleição daquilo que por negligência se perdeu, quer a religação, propriamente implica orientação para Deus.

Assim, como espiritualidade e religião se ligam de forma clara, a questão que se coloca é se a espiritualidade pode ser separada da religião, como Sam Harris propõe para estudá-la cientificamente. A resposta a esta questão depende do conceito teórico de religião que se adota em cada caso. Tomás de Aquino, como foi indicado, tem uma clara ideia de que a religião é uma ligação com o espiritual (AQUINO, 2003, p. II-II, q. 81, a. 1). Por outro lado, Sam Harris indica a religião como uma fuga da racionalidade. Como ele indica:

A fé religiosa é simplesmente uma convicção injustificada em questões de grande importância – especificamente em afirmações que prometem algum mecanismo pelo qual a vida humana possa ser poupada dos estragos do tempo e da morte. A fé é no que a credulidade se transforma quando atinge a velocidade de fuga e escapa às restrições do discurso terrestre – restrições como sensatez, coerência interna, civilidade e sinceridade (HARRIS, 2009, p. 74).

A falha deste conceito de religião de Sam Harris está em não perceber que as religiões possuem sistemas racionalmente estruturados. Ao colocar afirmações de irracionalidade, deveria indicar a falha nos raciocínios de textos de autores como Aquino ou Agostinho, por exemplo. Também deveria ter o cuidado de não focalizar apenas em textos e atitudes isoladas, mas em casos amplos. No seu livro inicial, Harris (2009) enumera casos de islamismo que não refletem o comportamento islâmico como um todo.

A simplificação do conceito de religião em Sam Harris está mais para uma divulgação de ideias pessoais do que um conceito científico. A ideia da necessidade do fim da religião, para esse autor, faz sentido dentro de sua conceitualização de religião, considerada por ele como uma impostura, sendo a espiritualidade uma reação neurológica. Neste sentido, Pals (2019) afirma que a crença pessoal afeta o conceito de religião que se adota. Segundo o autor:

Por trás das cenas, portanto, é aparente que os compromissos pessoais muitas vezes, ao menos, desempenham certo papel motivador no desenvolvimento de teorias da religião. Para aqueles que, como Freud e Marx, escreveram a partir de uma posição pessoal de antipatia para com a religião, o reducionismo agressivo parece muito natural e correto. Para aqueles que, como Eliade, foram movidos pela simpatia pela perspectiva religiosa, é natural que pareça profundamente equívoco e errado (PALS, 2019, p. 382).

Como Sam Harris parte de uma ideia contrária à existência da religião, ele busca indicar a possibilidade de separar a religião da espiritualidade, embora os conceitos se confundam. Porém, apenas pontua que isso é razoável porque a religião é julgada perigosa e porque a espiritualidade é parte da condição humana. O argumento é fraco, pois não apresenta o critério de separação entre espiritualidade e religião:

Embora a declaração pareça irritar tanto crentes quanto ateus, separar a espiritualidade da religião é perfeitamente razoável. Significa afirmar duas verdades importantes ao mesmo tempo: nosso mundo é perigosamente dividido por doutrinas religiosas que todas as pessoas instruídas deveriam condenar, e, no entanto, há mais a se compreender sobre a condição humana do que a ciência e a cultura secular costumam admitir. Um dos propósitos deste livro é dar às duas convicções um fundamento intelectual e empírico (HARRIS, 2015, p. 9).

Ou seja, a separação proposta entre a religião e a espiritualidade é apenas a tentativa de conciliar o reconhecimento da espiritualidade como uma necessidade humana, em confronto com a ideia de que a religião deva ser destruída. Em outras palavras, Sam Harris está se posicionando contra suas convicções neoateístas e se atrapalha nesta tentativa, apresentando dois conceitos paralelos como se pudessem ser opostos.

Dizer que a religião deva ser separada da espiritualidade porque a religião é prejudicial, não é um critério racional. Sam Harris deveria expor claramente as diferenças que permitissem separar indubitavelmente os dois conceitos. A necessidade humana de ter espiritualidade leva à religião. Porém, Sam Harris desconsidera isso por seu posicionamento pessoal sobre a religião. Para entender isso, vai ser feito um detalhamento

da estrutura de pensamento de Sam Harris no último capítulo de seu livro *Despertar*. A questão que se coloca é se este livro é apenas um relato pessoal ou um tratado científico.

2 O *Despertar* de Sam Harris: o pretensão caminho do meio

O livro *Despertar* tenta mostrar a importância da espiritualidade para os neoateus. Embora o item anterior tenha indicado que a espiritualidade não pode ser pensada numa estrutura conceitual hostil à religião, a ideia é aprofundar esta visão pela análise do discurso de Sam Harris, no capítulo conclusivo de seu livro.

O livro traz as descrições das experiências pessoais de Sam Harris. Neste sentido, Sam Harris (2015,) procurou experiências místicas em um guru no Nepal. Com este guru, dedicou-se à aplicação de diversas técnicas de meditação, as quais descreveu em seu livro. Além disso, o livro inclui algumas descrições neurológicas na tentativa de fundamentar a espiritualidade como algo material. A técnica adotada está relacionada com a vertente Dzogchen do Budismo. Na figura abaixo, mostra-se a estrutura do capítulo final, no qual Sam Harris coloca suas conclusões. Escolheu-se este capítulo para uma análise da estrutura do texto por apresentar uma síntese das ideias do autor. Em resumo, pode-se fazer um diagrama da estrutura do texto (Figura 1):

Figura 1 – Estrutura do texto do último capítulo do livro *Despertar* de Sam Harris (2015)



Fonte: Adaptada de Harris (2015).

Pelo diagrama, pode-se perceber que Sam Harris faz uma comparação entre uma visão que ele considera racional e uma visão religiosa. Isso está separado por uma linha tracejada. Os retângulos indicam os principais argumentos e as bandeiras apresentam os motivos principais que sustentam a afirmação.

Sam Harris propõe um "caminho do meio", ou seja, uma "vida espiritual sem religião". A ideia seria interessante se ele não recorresse a uma religião oriental para a "vida espiritual sem religião". Mas vale detalhar a ideia. Alguns pontos

são importantes para indicar no esquema. Estão colocados em negrito e numerados de 1 a 5.

O primeiro ponto importante do texto é que o cerne da religião é um conjunto de pecados contra a razão. Ele coloca como irracionais as mitologias associadas à religião. Mas diz que existe um resto bom. Citando Harris (2015, p. 183):

Esses pecados contra a razão e a compaixão não representam a totalidade da religião, mas estão em seu cerne. Quanto ao resto – caridade, comunidade, ritual e vida contemplativa –, são bens que dispensam acreditar com base na fé. Uma das mentiras mais perniciosas da

religião, seja ela liberal, moderada ou extremista, é a afirmação de que crer desse modo é essencial.

Este tipo de afirmação assinala a fraqueza do argumento de Sam Harris. É uma tentativa de explicar a existência da racionalidade na religião vinda de filósofos como Agostinho e Aquino. Este tipo de colocação mostra que a ideia de "fim da religião" não é bem fundamentada. Esta visão dúbia sobre a racionalidade na religião é comum no texto de Sam Harris.

No segundo ponto, Sam Harris indica um "caminho do meio", que se refere à vida espiritual sem religião. É a tese central do livro. No fundo, acaba sendo uma tese que desabilita o Ateísmo, pois se assemelha à proposta do Budismo. Em outras palavras, posiciona-se contra a religião, mas usa técnicas da religião para confirmar este posicionamento, indicando uma incoerência de posicionamento.

O que leva um neoteu convicto a indicar a espiritualidade dentro do Neoteísmo? O que leva um neoteu a indicar uma prática ou um rito religioso? A resposta é que, além da ciência, existem outros sistemas de conhecimento que explicam o mundo. Por exemplo, a religião. E esta não concorre com a ciência. Porém, por Sam Harris considerar outros sistemas de conhecimento como perigosos, a necessidade destes sistemas acaba se impondo em contradições de argumentos.

Acrescentando a isso, o livro não traz nenhuma indicação clara sobre a escolha da espiritualidade oriental. O que ele atesta é uma comparação superficial entre os escritos das religiões. Sobre a Bíblia e o Alcorão, por exemplo, ele indica:

Como manuais para a realização contemplativa, a Bíblia e o Alcorão são mais que inúteis. Toda sabedoria que possa vir a ser encontrada em suas páginas nunca se acha expressa da melhor maneira nesses livros, e ela é subvertida, inúmeras vezes, por selvageria e superstições imemoriais (HARRIS, 2015, p. 32).

Tanto a Bíblia como o Alcorão são coleções de escritos diversos, embora formem uma unidade pelo assunto que tratam. A análise ampla que Sam

Harris faz dos textos sagrados é simplificadora. E o interessante é que ele aponta o mesmo tipo de problema nas religiões orientais, mas não apresenta o critério para separar o que é bom nas religiões do que é ruim:

Mais uma vez é preciso lançar mão das ressalvas necessárias: não digo que a maioria dos budistas e hinduístas sejam contemplativos refinados. Suas tradições geraram muitas das mesmas patologias que vemos entre os fiéis em outras partes do mundo: dogmatismo, anti-intelectualismo, tribalismo, crença em outro mundo (HARRIS, 2015, p. 32).

O esperado seria a indicação das condições que geram os alegados problemas da religião. São os livros ou as atitudes das pessoas? São as hierarquias ou os leigos? Seria um teólogo ou um autor? Sam Harris (2015, p. 32) faz a escolha e coloca os livros budistas como "manuais científicos" sem indicar uma razão clara: "Os ensinamentos do budismo e do Advaita são mais bem descritos como manuais de laboratório e diários de exploradores que detalham os resultados de estudos empíricos sobre a natureza da consciência humana".

O autor não considera que manuais de laboratório e diários têm a necessidade de serem confirmados por outras experiências para serem considerados dentro do método científico. Seus resultados não deixam de ser observações pessoais, mas devem ser tratados estatística e comparativamente para se chegar a um resultado científico. Não há ciência apenas com observações pessoais.

O terceiro ponto é fundamental para indicar o caráter pouco científico do livro. Sam Harris diz que introspecção leva ao conhecimento. Introspecção não é método científico. A introspecção traz em si a pessoalidade, que entra em conflito com a necessidade de impessoalidade objetiva da ciência. Como indicam Marconi e Lakatos (2022, p. 69):

O ideal de objetividade, isto é, a construção de imagens da realidade, verdadeiras e impessoais, não pode ser alcançado se não ultrapassar os estreitos limites da vida cotidiana, assim como da experiência particular. É necessário abandonar o ponto de vista antropocêntrico,

para formular hipóteses sobre a existência de objetos e fenômenos além da própria percepção de nossos sentidos, submetê-los à verificação planejada e interpretada com o auxílio das teorias. Por esse motivo é que o senso comum, ou o bom senso, não pode conseguir mais do que uma objetividade limitada, assim como é limitada sua racionalidade, pois está estreitamente vinculado à percepção e à ação.

Por esta indicação, a ideia de que a meditação leva ao conhecimento científico não é uma conclusão científica, pois se perde na falta de objetividade e de impessoalidade do processo. Tanto que a meditação, para os budistas, leva ao Nirvana (GAADER; HELLERN; NOTAKER, 2005).

Aliás, a meditação leva mais ao conhecimento pessoal e religioso do que a um conhecimento científico. Tanto que o quarto e o quinto pontos conferem algo mais próximo a uma visão religiosa do que de uma visão científica. Porém, ao colocar a "identidade humana" como fundamental, Sam Harris diz não haver oposição entre humildade e arrogância. De acordo com Harris (2015, p. 186):

A espiritualidade começa com uma reverência pelo que é ordinário que pode nos levar a insights e experiências absolutamente fora do ordinário. E a oposição convencional entre humildade e arrogância não tem espaço aqui. [...] Subjetivamente, cada um de nós é idêntico ao próprio princípio que confere valor ao universo. Vivenciá-lo diretamente – e não apenas pensar sobre ele – é o verdadeiro princípio da vida espiritual.

Em outras palavras, a espiritualidade, para Sam Harris, não é uma ligação com algo maior, sagrado, mas com a própria individualidade. O Universo, para Sam Harris, é o próprio indivíduo em seu egoísmo, e mais nada existe.

Em resumo, o conceito de espiritualidade de Sam Harris é algo percebido pelos sentidos e que se baseia numa visão individualista da realidade. Nos itens à frente, vai ser comparada esta visão com os pensamentos de René Descartes, de forma detalhar a falta de cientificidade, e os de Hannah Arendt, de forma a destacar as consequências do individualismo.

3 Sam Harris e Descartes: confusão entre sentidos e pensamento

Com a análise do texto do último capítulo de Harris (2015), surge a questão se um texto pessoal e baseado nos sentidos pode ser considerado um texto científico. Esta questão se reforça porque Sam Harris sinaliza que o ponto de partida de suas pesquisas é um ponto de vista pessoal que nunca é tornado objetivo. Ele indica:

Espero que minha experiência pessoal ajude o leitor a ver a natureza de sua própria mente sob uma nova luz. Uma abordagem racional da espiritualidade parece ser o que falta ao secularismo e à vida da maioria das pessoas que encontro. O propósito deste livro é oferecer aos leitores uma noção clara do problema, ao lado de algumas ferramentas que os ajudem a resolvê-lo por si mesmos (HARRIS, 2015, p. 13).

Porém, a apresentação de histórias pessoais sem uma estruturação metodológica não é ciência. A ciência, como coloca Descartes, não se indica pelo sentimento pessoal, mas pela racionalidade impessoal. Neste sentido, numa pesquisa qualitativa, Yin (2016, p. 7) aponta as características:

1. estudar o significado da vida das pessoas, nas condições da vida real;
2. representar as opiniões e perspectivas das pessoas (rotuladas neste livro como os participantes) de um estudo;
3. abranger as condições contextuais em que as pessoas vivem;
4. contribuir com revelações sobre conceitos existentes ou emergentes que podem ajudar a explicar o comportamento social humano; e
5. esforçar-se por usar múltiplas fontes de evidência em vez de se basear em uma única fonte.

O ponto que mostra falta de cientificidade é a ideia de introspecção, que acaba sendo uma forma única. A pessoalidade não é científica. Para Harris, o contexto budista pode ser transferido sem problemas a um contexto científico. Segundo Harris (2015, p. 9):

Em geral, os especialistas na prática adquirem seu treinamento num contexto budista, e a maioria dos centros de retiro nos Estados Unidos e na Europa ensina a filosofia budista associada a ela. No entanto, esse método de introspecção pode ser transposto sem empecilhos para qualquer contexto secular ou científico.

Sem, contudo, indicar uma razão para esta possibilidade, ele faz uma escolha pessoal por um tipo de meditação sem explicar cientificamente a escolha. Por que não adotar a forma de meditação de São João da Cruz ou de Santa Teresinha do Menino Jesus? Por que o Budismo e não o Hinduísmo? E por que uma variante específica do Budismo? Assim, Sam Harris deveria indicar o diferencial da prática escolhida, o que não ocorre. Há mais convergências do que divergências na meditação nas diversas religiões. Conforme menciona Grün (2009, p. 115):

A espiritualidade cristã tem muitas características que estão presentes também em outras vertentes espirituais – como a budista, a hinduísta, a judaica e a sufista. Na espiritualidade cristã também existe a meditação, durante a qual nos dirigimos à nossa interioridade para chegarmos no âmago da alma, e lá encontramos Deus. Não foram os cristãos que descobriram a meditação, mas a conheceram no século III nas escolas de Pitágoras e, além disso, nos círculos sacerdotais do Egito. E eles deram prosseguimento ao que aprenderam na escola de Israel: meditar na Palavra de Deus, deixar que caísse em seus corações, vincular-se pessoalmente a Palavra de Deus, para que o comportamento fosse totalmente marcado pela Palavra de Deus e para que esta impregnasse o pensamento, acabando por determinar também os sentimentos.

Sam Harris deveria ter apresentado um critério de escolha, indicando as diferenças e as igualdades. As diferenças deveriam ser expostas e classificadas. Por sua vez, Sam Harris (2015, p. 186) acaba tentando justificar isso de forma um tanto enigmática, não definindo claramente se esta possibilidade é completa ou não, se se inicia ou se já está finalizada:

Sabemos há muito tempo que as aparências das coisas podem ser enganosas, e isso também se aplica à própria mente. No entanto, muita gente descobriu que, por meio de introspecção contínua, é possível aproximar o que as coisas parecem ser daquilo que elas

são de fato. Em certo sentido, a ciência que fundamenta essa afirmação ainda engatinha. Em outro sentido, porém, ela é completa.

Sem citar, o autor apresenta a dúvida metódica de René Descartes. Os sentidos enganam, mas ao invés de o caminho ser a racionalidade, como propõe Descartes, Sam Harris desvia para a introspecção individual. Sem motivo aparente, diz que esta dúvida metódica não tem valor. Descartes é claro ao afirmar que a evidência não é o sensível, mas a razão. Em detalhes:

E, quanto ao erro mais comum de nossos sonhos, que consiste em nos representarem diversos objetos exteriores da mesma maneira como fazem nossos sentidos, não importa que ele nos leve a desconfiar da verdade de tais ideias, porque elas também nos podem enganar sem estarmos dormindo [...]. Pois, enfim, quer estejamos acordados, quer dormindo, nunca nos devemos deixar persuadir senão pela evidência de nossa razão. Há que se notar que digo de nossa razão, e não de nossa imaginação, nem de nossos sentidos (DESCARTES, 2009, p. 70).

Sam Harris (2015, p. 11) afirma que esta falta de introspecção ainda não é desenvolvida pelos cientistas, como se a introspecção pessoal pudesse ser considerada impessoal:

Poucos cientistas e filósofos desenvolveram uma boa capacidade de introspecção. Na verdade, a maioria deles duvida até mesmo que tais habilidades existam. De modo inverso, muitos dos grandes contemplativos não sabem nada sobre ciência. Contudo, existe uma ligação entre fato científico e sabedoria espiritual, e ela é mais direta do que em geral se supõe.

Como se deixa levar por suas sensações e não por uma visão racional sobre a meditação, Sam Harris acaba apenas confiando na autoridade. Esta autoridade é apresentada, porém sem um critério claro de escolha. Nas palavras de Harris (2015, p. 138):

Um dos primeiros obstáculos encontrados em todo caminho contemplativo é a incerteza básica quanto à natureza da autoridade espiritual. Se existem verdades importantes a serem descobertas por meio da introspecção, têm de haver modos melhores e piores de fazê-lo – e é de se esperar que encontremos uma variedade de especialistas, novatos, tolos e fraudes ao longo da trajetória. É óbvio que charlatães estão à espreita em cada situação da vida.

Esses indicativos de uma falta de uma escolha racional pelo método de meditação adotado leva à possibilidade de que o livro de Sam Harris seja apenas uma descrição pessoal de suas incursões pela meditação. Por escolha racional, entende-se uma escolha com critérios racionais claramente expostos no livro, de forma que se possa chegar às mesmas conclusões aplicando os mesmos critérios.

Sendo um livro de descrição de ações pessoais, não pode ser considerado um trabalho científico. Mas há um ponto subsequente no qual Sam Harris reduz o Universo à individualidade. Isso é detalhado no item a seguir.

4 Sam Harris e Hannah Arendt: o que gera o fundamentalismo e o autoritarismo

Uma análise simplista poderia levar à conclusão de que a visão de contrariedade às religiões comum aos neoateístas poderia ser meramente ignorada, pois a religião poderia ser substituída por uma "espiritualidade atea". Proibir a religião seria, na visão dos neoateus, um símbolo da evolução da humanidade. Este é um dos objetivos do livro de Sam Harris. Porém, a questão não se resume a uma simples contrariedade a uma ou mais visões religiosas. Harris (2009, p. 13), como muitos dos neoateístas, pede o fim da religião:

Qual é a alternativa para a religião tal como nós a conhecemos? Pensando bem, essa é uma pergunta errada. A química não foi uma "alternativa" para a alquimia; foi uma troca completa da ignorância, em sua forma mais rococó, pelo conhecimento genuíno. Veremos neste livro que, tal como ocorre com a alquimia, falar de "alternativas" à fé religiosa significa não compreender o ponto principal.

O programa do Neoateísmo é pelo extermínio de práticas religiosas e da religião, parte do princípio (não provado cientificamente) de que não é possível a moderação em termos religiosos, muitas vezes traduzido como uma disputa entre ciência e religião ou de dificuldades de não se cair no fundamentalismo religioso. Tal posição se apoia no entendimento de que o religioso,

por motivo de sua fé ou crença, não é questionador (DAWKINS, 2007), não possui inteligência (LYNN; HARVEY; NYBORG, 2009), ou é alguém que segue cegamente os comandos da divindade (KITCHER, 2011).

Como os neoateus partem da ideia de que a ciência é uma estrutura metodológica de questionamento, aliás, pretensamente a única existente, eles se colocam como superiores aos religiosos, pelo motivo de que fazem questionamentos – como se não existissem questionamentos na religião ou paradigmas na ciência, conforme Kuhn (2018).

Porém, entre os ateus há algumas visões um pouco mais moderadas deste modo de pensar sobre a religião. Nem sempre o Ateísmo se liga a um confronto com a religião. Por exemplo, Comte-Sponville (2007, p. 77) diz:

Não é a fé que leva aos massacres. É o fanatismo, seja ele religioso ou político. É a intolerância. É o ódio. Pode ser perigoso crer em Deus, Vejam a noite de São Bartolomeu, as Cruzadas, as guerras de religião, o jihad, os atentados de 11 de setembro de 2001... Pode ser perigoso não crer. Vejam Stálin, Mao Tsé-tung ou Pol Pot... Quem vai calcular os mortos, de um lado e de outro, e o que eles poderiam significar? O horror é incalculável, com ou sem Deus. Isso nos ensina mais sobre a humanidade, infelizmente, do que sobre a religião.

Sam Harris e Comte-Sponville apresentam duas vertentes divergentes do pensamento ateu. Ser ateu não significa ser contra a religião. Estas divergências mostram que a posição de que a religião deve ser extinta não se sustenta, pela necessidade de lidar com algo além da matéria, algo metafísico, a espiritualidade. Sam Harris, ao colocar a espiritualidade como algo importante, contradiz a visão materialista do Ateísmo e deixa de lado o fato de que a religião lida com a vida espiritual. Em outras palavras, a questão se reduz a uma simples semântica: não se pode usar a palavra Deus, mas pode-se usar os ritos da religião. Sam Harris até avalia as diversas vertentes do Budismo. Isso vai contra o que caracteriza o Neoateísmo, que é a eliminação de tudo que se liga ao religioso. Para Armstrong (2008, p. 16):

Um dos motivos pelos quais a religião parece irrelevante hoje em dia é que muita gente não tem mais a sensação de estar cercada pelo invisível. Nossa cultura científica nos educa para que concentremos nossa atenção no mundo físico e material que está diante de nós. Essa maneira de ver o mundo produziu grandes resultados. Uma de suas consequências, porém, é que nós, por assim dizer, eliminamos o senso do "espiritual" e do "santo" que impregna, em todos os níveis, a vida de sociedades mais tradicionais e que foi outrora um componente essencial da experiência humana do mundo.

Querer eliminar a religião, no entanto, não se reduz à eliminação da vida espiritual, mas algo mais profundo. Comparando esta posição com o pensamento de Hannah Arendt (2012), percebe-se que a argumentação pela eliminação da religião é sinal de que a busca dos neoateus é um posicionamento unificador e autoritário, com argumentos que procuram vencer e não dialogar. É uma posição que visa a destruição do outro, deixando de lado os fatos referentes à história do outro. O outro é reduzido a uma inutilidade, um seguidor cego de regras fixas e ultrapassadas, sem história, sem capacidade de entender o risco de suas atividades. Conforme aponta Arendt (2012, p. 34):

A diferença mais marcante entre os sofistas antigos e os modernos é simples: os antigos se satisfaziam com a vitória passageira do argumento à custa da verdade, enquanto os modernos querem uma vitória mais duradoura, mesmo que à custa da realidade. Em outras palavras, aqueles destruíram a dignidade do pensamento humano, enquanto estes destroem a dignidade da ação humana. O filósofo preocupava-se com os manipuladores da lógica, enquanto o historiador vê obstáculos nos modernos manipuladores dos fatos, que destroem a própria história e sua inteligibilidade, colocada em perigo sempre que os fatos deixam de ser considerados parte integrante do mundo passado e presente, para serem indevidamente usados a fim de demonstrar esta ou aquela opinião.

Um exemplo claro de distorção histórica é a citação no início deste item. Sam Harris indica a Química como substituidora de uma falsa Alquimia, "rococó" (como se este termo designasse algo detalhista sem sentido ou antiquado), como se fosse totalmente desconectada historicamente. Na realidade, a Química surge da estruturação

metodológica e racional, na época do Iluminismo, de várias experiências práticas que eram realizadas por alquimistas. A Química é uma evolução da Alquimia.

Por sua vez, em sua argumentação, Hannah Arendt explica como os nazistas focaram na necessidade de purificar a "raça ariana" pelo Holocausto e outras medidas similares. Entrando na origem do problema, a autora indicou a manipulação das realidades e a deturpação da História. Cria-se uma ideologia, no sentido de uma simplificação dos fatos, para demonizar, no caso de Hannah Arendt, os judeus. No caso do artigo de Sam Harris, a religião. É o surgimento do que se pode chamar de fundamentalismo ateu (PAINE, 2010; NALL, 2008). Segundo Nall (2008, p. 278):

Essa perspectiva ideológica inspirou ateus fundamentalistas a oferecer a interpretação mais simplista dos fatos. Para confirmar sua crença de que a religião é a causa raiz da violência no mundo e, portanto, merece ser erradicada intelectualmente e não mais tolerada, eles elaboram uma compreensão simplista, estereotipada e generalizada da religião como um todo, facilitando a demonização. O resultado dessa lógica falha é a conclusão do ateu fundamentalista de que o princípio básico do liberalismo democrático de pluralismo e tolerância que remonta às filosofias do Iluminismo não é mais sustentável. Tanto mais para a razão.

No caso do Neoateísmo, a demonização da religião está ligada a uma pretensa disputa da religião com a ciência, que nem sempre é bem explicada. Os argumentos sobre esta pretensa disputa abarcam desde interpretações literais sobre a Bíblia, análises malfeitas de dogmas ou mesmo uma visão simplista do julgamento de Galileu. Os neoateus partem de uma visão simplificada da religião, que acaba servindo como base ideal para fundamentar sua visão da necessidade do fim da religião. Nesse sentido, surge o Neoateísmo numa forma fundamentalista, que se baseia em uma visão fixa e pouco racional e científica sobre a religião. Nas palavras de Nall (2008, p. 265-266):

O ateísmo fundamentalista, então, é uma forma de ateísmo explícito que define a religião como

necessariamente anticientífica, motivadora da violência e avessa ao progresso. Assim, alimenta a crença apocalíptica de que a religião é uma, senão a maior, ameaça à civilização e, conseqüentemente, deve ser erradicada. O ateísmo fundamentalista marca um ponto de virada na história do movimento ateu porque busca ir além da rejeição ativa da crença em Deus.

Como ocorreu com a rejeição dos judeus diante dos nazistas, que Hannah Arendt explicou como causadora do Holocausto, esta argumentação ateísta pode levar à discriminação e ao autoritarismo, que vai além de um discurso de abandono de Deus. A ideia é o fim da religião. É colocar a religião como algo execrável, sem muito esforço para explicar a causa dessa rejeição. Segundo Reis (2021, p. 251), isso se caracteriza como intolerância religiosa – o que pretendiam combater.

Por fim, reafirmamos que esse discurso de intolerância religiosa, que tem sido proferido pelos líderes do movimento neoateísta, deve ser rechaçado com veemência pelos governos, pela mídia, pela comunidade acadêmica e até pela Justiça, para que ele não continue prosperando e ganhando cada vez mais adeptos dispostos a acabar com a religião, colocando-se como "mártires" na glória teodiceia dos ateus.

Quando se fala em "fim da religião", a ideia geral é acabar também com tudo relacionado à religião: ritos, espiritualidade e simbologia religiosa. Ou seja, o Materialismo deve sempre ser o guia para as ações, até na definição do ser humano. Não se fala de espiritualidade no Neoateísmo. Porém, a indicação da importância da espiritualidade por Sam Harris mostra que as propostas do Neoateísmo não são completas em termos de preencher os vazios da humanidade provocados pelo Materialismo. Ao ser apenas material, a humanidade perde algo transcendente, que é ligado ao sentido da vida (FRANKL, 2018). A religião (e seus correlatos, como a espiritualidade) indica este sentido. Tanto que Dawkins (2007) pede que estudemos a Bíblia. Nesse sentido, aponta Armstrong (2008, p. 492):

Os seres humanos não suportam o vazio e a desolação; preenchem o vácuo criando novos focos de sentido. Os ídolos do fundamenta-

lismo não são bons substitutos para Deus; se queremos criar uma fé nova e vibrante para o século XXI, devemos, talvez, estudar a história de Deus, em busca de algumas lições e advertências.

O que Karen Armstrong afirma é que, ao contrário das propostas do Neoateísmo, mais que uma simples destruição da religião, devemos buscar seu estudo! Devemos estudar Deus. Não escondido com outro nome, mas com uma visão que vai além da crença. Um estudo que respeite a História e busque o diálogo entre todos. Não como forma de uma destruição fundamentalista do outro, mas de entendimento e convivência. Este entendimento deve ocorrer na forma de um diálogo profícuo e construtivo. Se isso não é seguido, tem-se apenas a repetição do autoritarismo que pretende ser combatido, conforme destaca Hannah Arendt.

Quando se confronta o pensamento de Hannah Arendt com o livro *Despertar*, pode-se deduzir a germinação do autoritarismo nas ideias do Neoateísmo. Os neoateus pretendem uma visão científica de suas posições sobre a religião, mas não apresentam provas contundentes da cientificidade de suas propostas. Como Sam Harris mostra a necessidade de espiritualidade, acaba sendo criticado por isso pelos neoateus. Porém, pode-se deduzir que esta colocação de Sam Harris é apenas indicação de que o ser humano é algo mais do que a simples materialidade física. Daí a necessidade de se ter espiritualidade. O próximo item tratará da possibilidade de estudo científico da espiritualidade.

5 Há cientificidade na espiritualidade dentro da religião?

A ideia do Neoateísmo em eliminar a religião (e tornar suspeita a espiritualidade) vai de encontro a uma ideia bem consolidada de que há algo mais do que a Física Material. Esta ideia se baseia no fato de que a substância do ser humano vai além de uma dimensão física, que Aristóteles tratou na *Metafísica*, e que vários autores tratam desta forma. Por exemplo, Aristóteles (1069 a 30, 2021, p. 372) indica:

São, com efeito, três as modalidades relativas à substância: uma será o sensível (devendo uma sua subdivisão ser eterna, enquanto a outra, por seu turno, corruptível); uma outra será eventualmente logo reconhecida por todos, uma vez que inclui tanto as plantas como os animais, cujos elementos deverão por nós ser escrutinados, sejam eles muitos ou apenas um; outra consistirá naquilo que é inamovível, levando certos pensadores a considerarem tal ser efetivamente capaz de existir em separado, enquanto outros o seccionam em dois ou outros ainda discriminam a partir daí as ditas formas e as realidades matemáticas, havendo outros a apenas considerarem entre aqueles dois as realidades matemáticas. Visto isto, as duas primeiras modalidades de substância constituem objeto da física (mediante impliquem movimento); havendo a terceira modalidade, não obstante, de competir a outra ciência, no caso de não existir qualquer princípio a lhe ser comum bem como às duas outras classes.

Ao ter uma substância imaterial junto com a substância material, o ser humano busca explicações sobre esta parte imaterial, da mesma forma que busca explicações para o material. Surgem diversas explicações e uma procura pelo religioso, pela relação com o Sagrado, com o espiritual. O que ocorre é que há um impulso religioso que leva a convicções e atitudes. Conforme aponta Dworkin (2019, p. 124):

Neste livro, afirmo que os seres humanos partilham um impulso religioso fundamental, que se manifesta na forma de diversas convicções e emoções. Ao longo da maior parte da história, esse impulso gerou dois tipos de convicções: a crença numa força sobrenatural inteligente – um deus – e um conjunto de convicções éticas e morais profundas. Esses dois tipos de crença são consequências da atitude mais fundamental, mas são independentes um do outro. Por isso, os ateus podem aceitar os teístas como companheiros de suas ambições religiosas mais profundas. Os teístas, por sua vez, podem aceitar que os ateus têm tanta fundamentação quanto eles próprios para ter suas convicções morais e políticas. Ambos os lados podem aceitar que aquilo que ora lhes parece um abismo completamente intransponível é apenas uma hermética discordância científica, que não tem implicações morais ou políticas.

Ao ir contra a religião, o Neoteísmo nega, como princípio, a possibilidade de uma espiritualidade. Aliás, Sam Harris é criticado por alguns ateus por tentar trazer a espiritualidade para o Ateísmo – o que soa contraditório. Pode-se en-

tender isso como o sinal de que a tentativa de eliminar a religião não é simples. Esta simples eliminação leva à negação da História e ao fundamentalismo.

Esta visão do Neoteísmo de eliminação da espiritualidade não encontra respaldo na realidade. A espiritualidade tem se mostrado algo que ajuda, entre outras áreas científicas, a Medicina. Por exemplo, escrevendo sobre os cuidados diante da morte, Arantes (2019, p. 112) pontua:

Ao longo desse tempo cuidando de tantas pessoas incríveis, percebi que o que faz girar esse eixo de espiritualidade dentro de cada um de nós é o Amor e a Verdade que vivemos com integridade. O Amor que sentimos, pensamos, falamos e vivemos. A Verdade que sentimos, pensamos, falamos e vivemos. Não importa qual é a nossa religião, não importa se acreditamos ou não em Deus. Se a nossa espiritualidade estiver sobre uma base de Amor e Verdade, vivenciados e não somente conceituados, não importa o caminho que escolheremos, a vida dará certo. Sempre.

A ideia deste capítulo não é criar uma lista de estudos que usam a espiritualidade, mas mostrar que a espiritualidade pode ser tratada cientificamente sem a necessidade de recorrer a uma forma específica de religião ou de eliminar a religião. Detalhes de como isso pode ser abordado podem ser vistos em Steinhauser *et al.* (2017), Balboni *et al.* (2017) e Moreira-Almeida e Lucchetti (2016). Estes estudos partem de uma visão de espiritualidade que não exige a extinção da religião. Isso não é colocado como premissa, como indicam os neoteus.

A espiritualidade está relacionada à forma como a pessoa lida com as questões metafísicas e as relaciona com a sua própria vida. Esta forma pode ser quantificada e estudada de modo a distinguir situações de alta espiritualidade com situações mais materialistas. Os estudos médicos usam, por exemplo, métodos como estudos de caso ou pesquisa-ação para garantir a cientificidade. Estes métodos não preconizam, como quer Sam Harris, a introspecção como método científico.

O que ocorre no livro *Despertar*, é apenas a descrição de uma experiência pessoal. Não há

nada que indique um resultado científico comprovável, tanto que outros que passaram pela mesma experiência de meditação não reproduziram os resultados. Harris usa o exemplo de um viajante que descreve seus caminhos, mas esquece de que a viagem pode e deve ser refeita para as confirmações empíricas.

É certo que, na atualidade, há um distanciamento da espiritualidade em relação à ciência, e mesmo da Teologia. Esse distanciamento surge de uma visão racionalista e materialista que anula a imagem integral do homem, que é corpo e espírito. Com diz Boff (2015, p. 135):

Quais seriam as causas da dissociação entre teologia e espiritualidade? Há, sem dúvida, a influência difusa da cultura ocidental, reconhecidamente racionalista. Mais no fundo, porém, aquela desconexão é devida ao desequilíbrio geral entre razão, vontade e ação, cuja raiz está na queda original. Não é, pois, de se admirar se o saber, inclusive o teológico, corra sempre o perigo de cair no orgulho e no esfriamento da fé, principalmente no contexto de uma cultura predominantemente secularista como a nossa.

Em outras palavras, ao se falar de espiritualidade, está se fazendo Teologia. Mesmo que se coloque como distante no discurso. Trata-se de Teologia no sentido de ser o estudo da ligação com Deus e com os outros seres humanos. Tanto que Sam Harris busca o apoio de práticas religiosas como a meditação. E apesar de ser estranho para muitos neoateístas, essa busca do ser humano como um todo é o foco do conhecimento. Como coloca Boff (2015, p. 121):

Ora, a unidade de conhecimento e de amor é perfeitamente possível porque fundada em um sujeito único, que é o homem. De fato, não é propriamente a inteligência que entende e o coração que ama, mas é o próprio homem por inteiro que entende e ama, respectivamente por meio da inteligência e do coração.

Nesse sentido, ao se eliminar a dimensão metafísica do ser humano, ao reduzir o espiritual a uma simples manifestação do cérebro material, o Neoateísmo resulta em uma imposição totalitária, que, como foi visto por Hannah Arendt, caracteriza as situações simplificadoras. Isso leva à falta de diálogo. O Neoateísmo, com sua falta de diálogo

com a Teologia, cria uma estrutura fundamentalista.

Apesar de defender o Neoateísmo, o livro *Despertar* mostra a fragilidade da proposta de fim da religião dos neoateístas. Ao tratar da espiritualidade, o autor leva à reflexão sobre a importância de haver algo além do Materialismo, ou seja, leva à conclusão de que o religioso (que se relaciona com o espiritual) não pode ser simplesmente destruído.

A espiritualidade e a religião podem e devem ser estudadas tanto no campo científico quanto no campo teológico e filosófico. A Teologia pode contribuir com a ciência e vice-versa. Estudos médicos podem ajudar teólogos a acharem melhores caminhos. A Teologia pode contribuir com a Medicina. O foco é o diálogo científico, mais do que simples trocas de acusações.

6 Um caminho: a busca da ciência da espiritualidade

Este artigo propõe o diálogo. Não se pode criar um abismo entre Ateísmo e religião, entre espiritualidade e Materialismo, entre Teologia e ciência. Por exemplo, os desenvolvimentos mais atuais da Medicina e da Psicologia indicam a necessidade de entender a espiritualidade, ou seja, algo além da simples Física, Química e Biologia corpóreas. É necessária uma ciência da espiritualidade. Não como um mimetismo dos métodos científicos da Física, mas uma ciência que se baseia na Filosofia e na Teologia, não como a Dogmática, mas a Teologia enquanto explicação do Sagrado e das formas de relação com este Sagrado.

Assim, enquanto um cientista médico percebe que a espiritualidade ajuda alguém a entender a morte, própria ou de outrem (por exemplo, Arantes [2019]), além de Medicina, este cientista está fazendo Teologia. Isso não significa que esta Teologia seja denominacional, focada em uma determinada religião. Nem mesmo precisa ser religiosa, no sentido de estudar rituais e gestos. Mas mostra que a forma de relação com o Sagrado, seja este sagrado representado por um deus, uma filosofia de vida ou simplesmente o bom relacionamento com as pessoas, com

a ética, influencia na felicidade e na forma de autoentendimento.

Por sua vez, Sam Harris mostra a importância da espiritualidade, mas falha em sustentar cientificamente a luta contra a religião ao escolher uma prática religiosa para desenvolver seu conceito de espiritualidade. Tenta tratar a espiritualidade como uma ciência física, deixando de lado sua dimensão teológica – como se isso fosse separável. Assim, cai em contradição consigo mesmo. Também tenta associar esta espiritualidade a uma relação biológica, mais ligada aos sentidos do que ao metafísico. Mas, como indica Descartes, os sentidos enganam e isso mostra a falta de cientificidade do livro *Despertar*.

Ter uma ciência da espiritualidade baseada na Teologia e na Filosofia também não é impedimento para a existência do Ateísmo. O Ateísmo parte da ideia de que Deus não existe. Um ateu pode pensar que se precisa da espiritualidade não como uma realidade, como pensa o crente que tem fé, mas como uma necessidade pessoal de ter algo superior, algo que dê sentido à vida. Um ateu, por exemplo, não pode prescindir de conceitos como ética. E ética é diálogo.

Assim, o Ateísmo não pode prescindir do diálogo com a religião, sob pena de se tornar apenas um instrumento de autoritarismo, segundo Hannah Arendt. Diálogo no sentido de não apenas estabelecer conversas, encontros e reuniões, mas de entender a lógica de cada um e aprender.

Da mesma forma, os artigos médicos e psicológicos sobre espiritualidade não precisam entrar em profundos conceitos teológicos estabelecidos desde Agostinho ou Aquino. Nem este seria o objetivo. Mas não podem prescindir do fato de que a espiritualidade se liga à religião. E isso exige que estes artigos dialoguem com a Teologia.

A principal falha da estrutura do livro *Despertar* é que, ao reduzir a espiritualidade apenas ao contexto pretensamente científico, mas realmente pessoal e individualista, Sam Harris tira a possibilidade de conhecimento em outros campos, como o campo teológico. É uma redução que leva ao entendimento supersticioso e fundamentalista sobre a ciência. Conforme Jaspers (1971, p. 23):

Começa a infelicidade do gênero humano quando se identifica o cientificamente conhecido ao próprio ser e se considera não-existente tudo quanto foge a essa forma de conhecimento. A ciência dá então lugar à superstição da ciência, e esta, sob a máscara de pseudociência, lembra um amontoado de extravagâncias onde não está presente ciência nem filosofia nem fé.

Trazer a espiritualidade para o campo da ciência material, como tenta Sam Harris, é um caminho para reduzir a possibilidade de outros conhecimentos e, com isso, reduzir o ser humano ao individualismo egoísta. Como foi indicado, esse é o caminho para uma pseudociência que gera problemas de preconceito e perseguição. E esses problemas são o caminho para visões autoritárias. Ao propor uma ciência da espiritualidade, é necessário compreender que esse conhecimento transcende o domínio científico, abrangendo também a Teologia e a Filosofia.

Uma ciência da espiritualidade deve ser uma ciência multidisciplinar, em que o diálogo e o cruzamento de contribuições levem ao melhor conhecimento humano e não apenas ao conhecimento de sua materialidade. É a busca do diálogo por algo superior, algo que objetive a contribuição e não a destruição.

Referências

- AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- ARANTES, Ana Cláudio Quintana. *A morte é um dia que vale a pena viver*. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.
- ARENDRT, Hannah. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Lisboa: Edições 70, 2021.
- ARMSTRONG, Karen. *Uma história de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BALBONI, Tracy Anne *et al.* State of the science of spirituality and palliative care research part II: screening, assessment, and interventions. *Journal of Pain and Symptom Management*, New York, v. 54, n. 3, p. 441-453, 2017. Disponível em: [10.1016/j.jpainsymman.2017.07.029](https://doi.org/10.1016/j.jpainsymman.2017.07.029). Acesso em: 24 nov. 2023.
- BARROS-OLIVEIRA, José Henrique. Espiritualidade e religião: tópicos de psicologia positiva. *Psicologia Educação e Cultura*, Vila Nova de Gaia, v. 11, n. 2, p. 265-287, 2007. Disponível em: <https://www.positivapsicologia.com.br/wp-content/uploads/2018/04/Espiritualidade-e-religi%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2023.

- BOFF, Clodovis. Teologia e espiritualidade: por uma teologia que ilumine a mente e inflame o coração. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 113-141, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4497/449748255006.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2023.
- BORGES, Moema da Silva; SANTOS, Marília Borges Couto; PINHEIRO, Tiago Gomes. Representações sociais sobre religião e espiritualidade. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 68, n. 4, p. 609-616, jul./ago. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2015680406i>. Acesso em: 24 nov. 2023.
- COMTE-SPONVILLE, André. *O espírito do ateísmo: introdução a uma espiritualidade sem Deus*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DEMO, Pedro. *Complexidade e aprendizagem: a dinâmica não linear do conhecimento*. São Paulo: Atlas, 2002.
- DESCARTES, Rene. *Discurso do método*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- DWORKIN, Ronald. *Religião sem Deus*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.
- FIGUEIREDO, Nestor. Sobre a definição de religião: historiografia, críticas e possibilidades. *Rever: Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 271-295, maio/ago. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.23925/1677-1222.2019vol19i2a15>. Acesso em: 24 nov. 2023.
- FRANKL, Viktor Emil. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 43. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2018.
- GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- GALL, Terry Lynn; MALETTE, Judith; GUIRGUIS-YOUNGER, Manal. Spirituality and religiousness: a diversity of definitions. *Journal of Spirituality in Mental Health*, London, v. 13, n. 3, p. 158-181, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/19349637.2011.593404>. Acesso em: 27 nov. 2023.
- GIRARD, Marc. *Os símbolos na Bíblia: ensaio de teologia bíblica enraizada na experiência humana universal*. São Paulo: Paulus, 1997.
- GRÜN, Anselm. *A fé dos cristãos*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- HARRIS, Sam. *A morte da fé: religião, terror e o futuro da razão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- HARRIS, Sam. *Despertar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. São Paulo: Cultrix, 1971.
- KITCHER, Philip. Militant modern atheism. *Journal of Applied Philosophy*, Oxford, v. 28, n. 1, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1468-5930.2010.00500.x>. Acesso em: 24 nov. 2023.
- KOENIG, Harold G.; KING, Dana E.; CARSON, Verna Benner. *Handbook of religion and health*. New York: Oxford University Press, 2012.
- KUHN, Thomas Samuel. *A estrutura das revoluções científicas*. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2018.
- LEPHERD, Laurence. Spirituality: everyone has it, but what is it? *International Journal of Nursing Practice*, Oxford, v. 21, n. 5, p. 566-574, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1111/ijn.12285>. Acesso em: 24 nov. 2023.
- LYNN, Richard; HARVEY, John; NYBORG, Helmut. Average intelligence predicts atheism rates across 137 nations. *Intelligence*, New Jersey, v. 37, n. 1, p. 11-15, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.intell.2008.03.004>. Acesso em: 24 nov. 2023.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2022.
- MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; LUCCHETTI, Giancarlo. Panorama das pesquisas em ciência, saúde e espiritualidade. *Ciência e Cultura*, Campinas, v. 68, n. 1, p. 54-57, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.21800/2317-66602016000100016>. Acesso em: 24 nov. 2023.
- NALL, Jeff. Fundamentalist atheism and its intellectual failures. *Humanity & Society*, New York, v. 32, n. 3, p. 263-280, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/016059760803200304>. Acesso em: 24 nov. 2023.
- OERTZEN, Monica von. A unidade da alma com o corpo em Tomás de Aquino. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, São Paulo, v. 9, n. 15, p. 107-118, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2177-952X.2015v9i15p107-118>. Acesso em: 24 nov. 2023.
- PAINE, Scott Randall. Fundamentalismo ateu contra fundamentalismo religioso. *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, Belo Horizonte, v. 8, n. 18, p. 9-26, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2010v8n18p9>. Acesso em: 24 nov. 2023.
- PALS, Daniel L. *Nove teorias da religião*. Petrópolis: Vozes, 2019.
- REINERT, Katia Garcia; KOENIG, Harold G. Re-examining definitions of spirituality in nursing research. *Journal of Advanced Nursing*, Oxford, v. 69, n. 12, p. 2622-2634, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jan.12152>. Acesso em: 24 nov. 2023.
- REIS, João Paulo. A teodiceia dos novos ateus. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 31, n. 2, p. 239-254, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.18224/frag.v31i2.8898>. Acesso em: 24 nov. 2023.
- SAGAN, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de argumentar*. São Paulo: Faro Editorial, 2020.

STEINHAUSER, Karen E. *et al.* State of the science of spirituality and palliative care research part I: definitions, measurement, and outcomes. *Journal of Pain and Symptom Management*, New York, v. 54, n. 3, p. 428-440, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jpainsymman.2017.07.028>. Acesso em: 24 nov. 2023.

YIN, Robert K. *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Porto Alegre: Penso, 2016.

Luís Henrique Piovezan

Graduado em Engenharia Civil pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP) (1988), mestre em Engenharia de Produção pela Escola de Engenharia de São Carlos (EESC/USP) (2000) e graduado em Teologia pelo Centro Universitário Claretiano (2019). Atualmente, é engenheiro civil na Petrobras em São Paulo.

Endereço para correspondência:

LUÍS HENRIQUE PIOVEZAN

Rua Florineia, 138, apto 33

Água Fria, 02.334-050

São Paulo, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.